

## Reprodução, ciência e tecnologia em *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman e *When it changed*, de Joanna Russ

Anunciata Sawada<sup>1</sup>  
Isabela Cabral Félix de Sousa<sup>2</sup>  
Lucia de La Rocque<sup>3</sup>

### Resumo

Autoras de Ficção Científica (FC) produzem obras que unem ciência e tecnologia comprometidas com valores do patriarcado, cuja denúncia é alvo da crítica feminista. Ao lado disso, em outras produções de FC, de autoria feminina, essa união apresenta-se como objeto de libertação do corpo da mulher, quanto à reprodução da espécie. O presente estudo enfoca duas obras desse gênero literário que lidam com a questão da partenogênese: *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman, de 1915, e *When it changed*, de Joanna Russ, de 1972.

No intervalo entre essas duas histórias, a ciência e a tecnologia avançaram no campo do estudo e da pesquisa da partenogênese, por diversas razões. Este trabalho, na área do estudo de gênero, e na esfera da saúde reprodutiva, objetiva descrever a posição da FC quanto às repercussões da ciência e da tecnologia nas obras citadas.

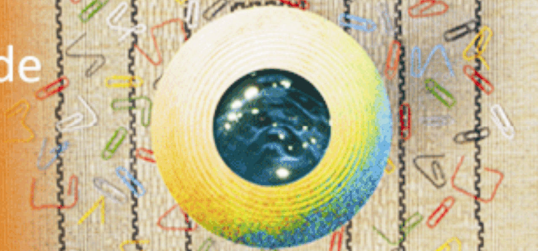
**Palavras-chave:** Ficção Científica de Autoria Feminina; Partenogênese; Reprodução; Desigualdade Sexual.

---

<sup>1</sup> Museóloga, Professora de Educação Artística, Esp. em Ciência das Artes, Museu da Vida, Fundação Oswaldo Cruz - sawada@coc.fiocruz.br

<sup>2</sup> Pesquisadora Visitante da Escola Politécnica da Saúde Joaquim Venâncio / Fundação Oswaldo Cruz e Professora da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - isabelacabrafelix@gmail.com

<sup>3</sup> PhD, Pesquisadora e Professora do Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz e do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - luroque@ioc.fiocruz.br



## Introdução

A literatura de ficção científica (FC) de autoria feminina tem, por vezes, representado e se apropriado de imagens de uma ciência e tecnologia que se encontram a serviço da sociedade patriarcal. As biotecnologias reprodutoras têm permitido rever as ambigüidades construídas socialmente no que tange às questões de gênero: por um lado denunciadas como ferramenta do patriarcado por grande parte da crítica feminista (Scavone, 2003), por outro têm sido encaradas, em um número de obras de FC de autoria feminina, como possibilidades de libertação do corpo da mulher no que concerne à reprodução da espécie (de La Rocque, 2003).

No presente trabalho, nos voltaremos para duas obras desse gênero literário que lidam com a questão da partenogênese: o romance *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman, de 1915, e o conto *When it changed*, de Joanna Russ, de 1972. Durante o período cronológico que separa essas histórias, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia é perceptível na descrição dos tipos de partenogênese, com causas diametralmente opostas. Fica, no entanto, evidente que em ambas as obras, esse tipo de reprodução que dispensa o masculino reafirma o caráter emancipatório dessa esfera de ação. Este estudo, que traz aportes dos campos dos estudos de gênero, dos estudos culturais, assim como da área da saúde reprodutiva, objetiva também ressaltar o papel questionador da ficção científica em relação aos impactos da ciência e da tecnologia no mundo contemporâneo.

## Um assunto antigo...

A reprodução partenogenética consiste na produção de filhotes sem que haja fecundação do óvulo e estes são, portanto, clones de suas mães. Este tipo de reprodução é muito difundido dentre os insetos...

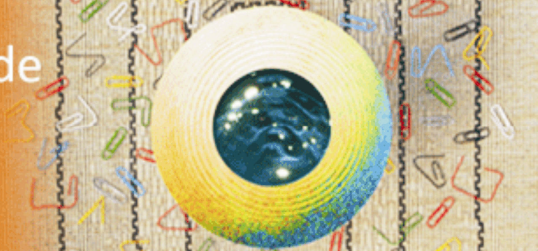
A reprodução por partenogênese, por não depender da presença do macho, garante o aumento do número de indivíduos mais rapidamente e o estabelecimento da espécie no novo ambiente...

Existe, ainda, a chamada partenogênese mediada pelo parasita que é herdado somente de mãe para filha.

Este parasita manipula a produção de ovos do seu hospedeiro de modo que há uma produção predominante ou completa de fêmeas... (<http://www.ufv.br/ptbio/informativos/setembro2006/artigo03.htm> - visto em 10/01/2010)

**PARTENOGENESE** - Neste tipo especial de reprodução os indivíduos chegam a formar gametas e pode ocorrer até mesmo o acasalamento. O embrião se desenvolve a partir de óvulos não fertilizados. Um exemplo bem conhecido de indivíduo partenogenético é o Zangão, o macho da abelha. Nas colméias de abelhas, só as rainhas são fêmeas férteis. Depois do vôo nupcial, estas mantêm e controlam um reservatório de espermatozoides no seu corpo. A rainha investe em fêmeas operárias a partir de ovos fertilizados ou machos estéreis e HAPLOIDES. O zangão desenvolve-se a partir de óvulos não fertilizados da abelha-rainha. Outro exemplo interessante foi recentemente descrito em um lagarto norte-americano. Não existem machos nesta espécie. Mesmo assim, há um comportamento sexual semelhante a um acasalamento. Uma das fêmeas age no cruzamento como macho, envolvendo a outra fêmea e estimulandoa sexualmente. Esse comportamento é necessário para estimular a liberação e desenvolvimento dos óvulos. Apesar de se desenvolverem de óvulos não fertilizados, os adultos são diplóides.

([http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/index.asp?id\\_projeto=27&ID\\_OBJETO=61823&tipo=obj&cp=104331&cb=&n1=&n2=M%F3dulos%20Did%E1ticos&n3=Ensino%20M%E9dio&n4=Biologia&b=s](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&ID_OBJETO=61823&tipo=obj&cp=104331&cb=&n1=&n2=M%F3dulos%20Did%E1ticos&n3=Ensino%20M%E9dio&n4=Biologia&b=s) - visto em 13/01/2010)



A idéia da partenogênese é carregada de mistérios, estando, portanto presente desde tempos imemoriais, conforme detectada no culto às grandes deusas da Grécia Antiga. Uma das primeiras representações de partenogênese conhecida pelo homem ocidental está na figura de Gaia, a Terra. Dentre as divindades primordiais, Gaia é segunda, logo depois de Caos e gerou sozinha, sem o auxílio masculino, segundo alguns estudiosos, Urano (Céu), Ponto (Mar) e as Montanhas (Santos, 2006).

Podemos observar que a etimologia esclarece a palavra partenogênese como um elemento composto: vem do grego parthénos e significa "virgem, não fecundado". É, também uma referência a deusa Atena, virgem e cujo nascimento, da cabeça de Zeus, é referenciado por alguns como um nascimento partenogênético. O templo em louvor à Atena era o Pártenon.

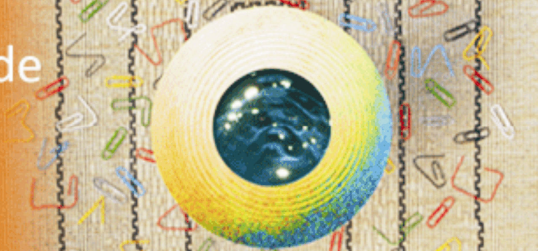
"Ele [Zeus] da própria cabeça gerou a de olhos glaucos  
Atena terrível estrondante guerreira infatigável  
soberana a quem apraz fragor combate e batalha.  
Hera por raiva e por desafio a seu esposo  
não unida em amor gerou o ínclito Hefesto  
nas artes brilho à parte de toda a raça do Céu. (925)  
Teogonia de Hesíodo (Torrano, 1995)

A mais antiga genealogia das divindades do Olimpo grego, escrita por Hesíodo (Época Arcaica ,séculos VIII-VII a.C.), refere nos versos acima, que a deusa Hera, esposa de Zeus, dá luz a Hefesto, isenta de auxílio seminal masculino. Na literatura ocidental, esta singular concepção vem a constituir-se em fenômeno exemplar de partenogênese.

A partir do final do século XIX, este termo, primeiramente empregado pelo paleontólogo Richard Owen, famoso por seus estudos em anatomia comparada e superintendente do departamento de história natural no British Museum (1856-1884) em Londres (<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/RichaOwe.html>-visto em 21/01/2010) passa a ser usual na linguagem científica. No século XX, com o despontar da ficção científica, a imaginação criadora se debruça sobre o tema da partenogênese, que se faz presente sobremaneira nesse gênero literário, e se aventura em especulações a partir de avanços e descobertas científicas concretas (Larbalestier, 2002). Justine Larbalestier (2002), em *The Battle of the Sexes in Science Fiction*, observa que diversos autores, conforme seu gênero e época, encaram de forma diametralmente oposta essa forma alternativa de reprodução humana. Não sendo este o foco do presente trabalho, não nos deteremos nesse ponto.

Entretanto, torna-se necessário aqui reafirmar nossa intenção de nos debruçarmos sobre o tratamento do tema em questão, por parte de autoras situadas em contextos sócio-culturais bastante diversos, como crítica à opressão patriarcal sobre os corpos e mentes femininos.

Dentre outras autoras, optamos por trabalhar com obras de: Charlotte Perkins Gilman e Joanna Russ, que acreditamos ser marcos representativos do que, respectivamente, que ficou conhecido como a primeira e a segunda onda do feminismo Conforme Nancy Fraser (2007, 291).



A história padrão (do feminismo) é uma narrativa de progresso, segundo a qual nós saímos de um movimento exclusivista, dominado por mulheres brancas heterossexuais de classe média, para um movimento maior e mais inclusivo que permitiu integrar as preocupações de lésbicas, mulheres negras e/ou pobres e mulheres trabalhadoras.

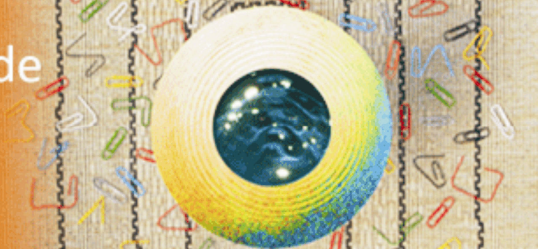
A seguir, nos deteremos em *Herland*, de Gilman, produto desta primeira fase, em que as preocupações de subminorias dentro do movimento pelos direitos das mulheres não eram, decididamente, manifestas. *Herland* é definitivamente uma reflexão contra a desigualdade das sociedades patriarcais, é há, em inúmeros momentos exemplos da desigualdade vivida pelas mulheres na Terra. Para a criação de uma sociedade igualitária, as crianças são tratadas como pessoas e educadas para a cidadania. É bom lembrar, no entanto, que embora haja uma grande aparência de ser tudo tão homogêneo e cooperativo em *Herland*, há também uma desigualdade, uma divisão de trabalho em que só as mulheres superiores são eleitas para educar as filhas.

## ***Herland***

A americana Charlotte Perkins Gilman, que viveu entre os anos de 1860 e 1935, preferia ser reconhecida pelo seu trabalho como líder feminista e escritora de não ficção, sempre insistindo que sua obra ficcional servia como meio de promover sua mensagem. Gilman levou incansavelmente a cabo, através de seus livros e conferências, a luta pela emancipação socioeconômica da mulher, seu livro *Women and Economics* (1898) tendo sido usado como livrotexto em universidades americanas e traduzido em 7 idiomas (Harris e de La Rocque, 2002).

Aliás, muitas das idéias contidas nesse livro estão espelhadas em *Herland*, confirmando a ligação entre a ficção de Gilman e suas fortes convicções a respeito da posição injusta à qual a mulher havia sido relegada na sociedade (de La Rocque, 2006).

O narrador de *Herland* é um sociólogo, Vandyck Jennings, o que ressoa com a atribuição do papel, por parte de Gilman, ao 'sociólogo' de pesquisador adequado da função do sexo na cultura humana. Jennings se aventura na exploração de terras desconhecidas com seus dois amigos, Terry Nicholson, milionário que financia as expedições, e Jeff Margrave, um médico. Eles escutam rumores sobre um lugar remoto e inacessível povoado exclusivamente por mulheres, e lá conseguem chegar no avião de Terry, permanecendo por um ano. Os homens são tratados como prisioneiros de luxo pelas matriarcas até que se tornem mais "civilizados", capazes de entender a civilização perfeita, livre de mácula de crime ou de qualquer tipo de violência, parecendo somente ser possível porque o sexo masculino está ausente há dois mil anos. No seu período de aprendizado da linguagem e dos costumes locais, os três descobrem que tal fato se deveu à morte de todos os homens da população original numa guerra, ao isolamento geográfico que se seguiu e ao posterior aparecimento do fenômeno da partenogênese espontânea entre algumas mulheres, cujas filhas herdaram a mesma capacidade. Os três homens sentem dificuldade de explicar o modo bárbaro pelo qual as mulheres são tratadas em seu país de origem para Celis, Alima e Eliador, as três jovens que voluntariamente



se envolvem com os visitantes a fim de reviver a possibilidade de descendência masculina em Herland e assim facilitar o contato com o resto do mundo.

Infelizmente, a relação entre Terry - o único dos três homens que definitivamente se encaixa no estereótipo do machão - e Alima se deteriora rapidamente, culminando numa tentativa de estupro e finalmente no exílio dos homens de Herland.

De todos os vôos imaginativos perpetrados por Gilman em Herland - o lugar inacessível pelo isolamento geográfico, contrastado com a facilidade dos exploradores em encontrá-lo, a sociedade mais que perfeita por eles descoberta - o que chama mais atenção é o modo de reprodução da população exclusivamente feminina. A partenogênese vem sendo trabalhada na ficção científica, e é resultado de anos de pesquisa dentro da "realidade" dessas obras ficcionais - o que poderia, nos dias de hoje, não estar longe da verdade, se considerarmos o relativo sucesso da clonagem de Dolly<sup>4</sup>. Embora seja inegável o fato de Herland ter sido escrito décadas antes dessas outras obras em que a partenogênese aparece dentro de uma perspectiva mais "científica", frutos de um contexto de desenvolvimento tecnológico inegavelmente mais vultoso, creio ser interessante deter-nos nesse processo de partenogênese espontânea concebido por Gilman. A primeira mulher partenogenética em Herland é considerada uma "Mulher Maravilha", e dá origem a cinco filhas, a quem

toda a nação de mulheres circundava com cuidados amorosos, e esperava, entre uma esperança sem limites e um desespero igualmente desmedido, para ver se elas também, seriam mães ...e elas foram! Assim que alcançaram a idade de vinte e cinco elas começaram a conceber. Cada uma delas, como sua mãe, teve cinco filhas... e todo o espírito do país mudou do luto e mera resignação corajosa para uma alegria cheia de orgulho ( Gilman,1981, p. 85)

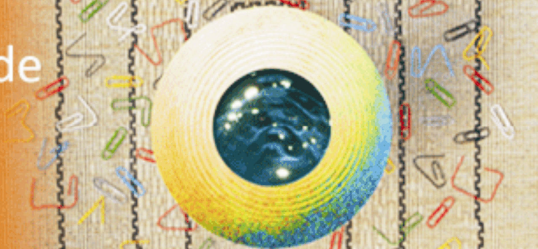
Todas as mulheres de Herland comemoram a maternidade, que é a preocupação central desse país. No entanto, como Somel, a matriarca designada para ser a professora do narrador Vandyck explica, houve um momento na história do país em que se tornou absolutamente necessário limitar o processo partenogenético:

Nós estávamos tendo que racionar alimentos antes de chegarmos a uma solução... Mas nós conseguimos lá chegar. Veja bem, antes que a gravidez ocorra com qualquer uma de nós, há um período de exaltação suprema - todo o ser é elevado e tomado por um desejo concentrado pela criança a vir. Nós aprendemos a antecipar esse período com o maior dos cuidados. Frequentemente nossas jovens, aquelas que ainda não haviam experimentado a maternidade, a adiavam voluntariamente. Quando aquela profunda demanda interior por uma criança chegava, ela se envolvia de forma deliberada no trabalho mais ativo, tanto físico quanto mental; e o que é mais importante, compensava seus desejos através do cuidado intenso com os bebês que nós já tínhamos (Gilman, 1981, p. 100).

Fica aí mais que claro não só o caráter coletivo dessa maternidade, como também o controle total, por parte das mulheres de Herland, de seu processo de reprodução. Como diz Bernice Hausman:

Como muitas feministas da atualidade, Gilman viu que a liberação da mulher do que nós consideramos "expectativas de gênero" estava ligada, de forma inextricável, ao seu papel na reprodução biológica: o

<sup>4</sup> A polêmica em torno da clonagem de Dolly é magistralmente discutida no livro de Gina Kolata. Clone: os caminhos para Dolly. Rio de Janeiro: Campus, 1998.



quanto de controle elas tinham sobre a sexualidade, como a sociedade organizava o cuidado com as crianças, como o mundo resolvia a questão da maternidade e as práticas a ela relacionadas. No âmago da sua análise está o corpo feminino como produto de uma evolução tanto biológica quanto sociológica. É esse o motivo de a partenogênese ser crucial para o projeto de Herland, mesmo sendo o seu elemento mais fantástico.

A partenogênese é uma metáfora para o controle, por parte das mulheres, da reprodução. O fato de ser um processo biológico demonstra o desejo de Gilman de tornar o corpo biológico central aos arranjos sociais dos quais faz parte – ao invés de tratá-lo como uma substância a ser alterada de tal forma a acomodar as normas da sociedade, que é a maneira pela qual ela interpretava as expectativas da sua cultura em relação às mulheres. (Hausman, 1998, p. 504)

Toda essa imbricação entre biologia e cultura perpassa também a mais conhecida obra de não ficção de Gilman, o já mencionado *Women and Economics*, em que a ativista feminista afirma a relação entre a evolução orgânica e a economia: "Na mais simples combinação de células primordiais, a força que as juntou e as manteve juntas foi a necessidade econômica.

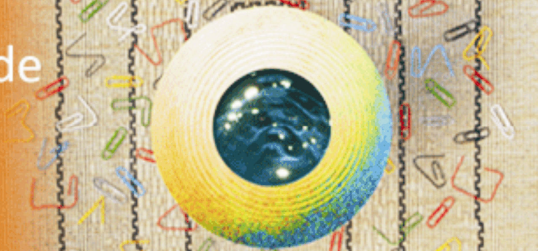
Estas que se juntaram sobreviveram, e as que não o fizeram pereceram"(Apud Hausman, 1998,p.505). Fica patente, então, que a estranha partenogênese imaginada por Gilman como força motriz da reprodução em *Herland* é um espelho dessa sua visão de integração entre dois paradigmas, o orgânico e o social, numa época em que o biológico era considerado justificativa para as desigualdades sociais entre os gêneros.

Gilman, em *Herland*, precisou manter as mulheres exercendo controle total sobre seu potencial reprodutivo; a possibilidade da inclusão dos homens nesse processo, embora considerada em determinado momento, quando as três jovens, com a aquiescência de toda a comunidade, se oferecem como voluntárias para se envolverem com os visitantes, é totalmente afastada no final do livro, após a frustrada tentativa de Terry de estuprar sua mulher Alima. Fica patente que, para Gilman, as mulheres ficam muito melhor sozinhas. No entanto, conforme Hausman aponta, é uma visão heterossexista e racista que Gilman retrata em *Herland*, onde as pacíficas e eficientes habitantes são da "raça ariana" e o homossexualismo não ocorre – não havendo necessidade da reprodução sexuada, a atividade sexual em si não tem propósito - visão essa característica das feministas da Primeira Onda.

## **A partenogênese, ainda...**

É preciso deixar claro que a visão utópica de Gilman não foi a forma literária que marcou o início do século XX. Pelo contrário, este período, marcado pela ascensão dos regimes totalitários e de um capitalismo desenfreado e impiedoso com os desprivilegiados, resultou numa produção literária distópica que se reflete nos proféticos *Brave new world* (1932), de Aldous Huxley, e *Nineteen-eighty four* (1949), de George Orwell, ambos resultantes do clima político em que se inseriam, e que lidam com o controle total dos cidadãos por Estados super poderosos.

No entanto, após a reorganização planetária que se seguiu ao período de pós-guerra, houve um momento histórico especial, os efervescentes anos 60 do século passado, que pareciam carregar em seu bojo a frágil, mas insinuante promessa de uma nova ordem mundial, reascendendo o sonho utópico. Moylan (2000, p. 68) assim descreve esse momento:



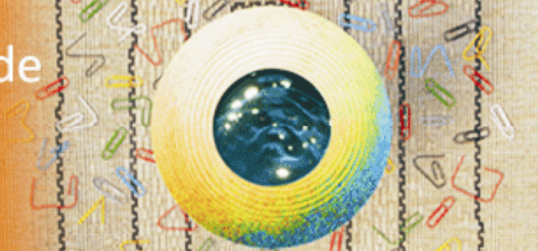
Um forte veio utópico percorria o trabalho do Marxismo Crítico e da Nova Esquerda, as teorias sociais dos movimentos de libertação raciais e nacionais, as vozes múltiplas do feminismo, os gritos dos pobres e dos despossuídos, as asserções da diferença sexual e do desejo, os debates a favor da paz mundial e do governo mundial, e a reconceitualização da relação da humanidade com a própria natureza.

O eco desse panorama político-cultural foi contundente na literatura, e ainda segundo Moylan, “o engajamento político mais eficaz no mundo da ficção científica desse tempo veio do trabalho criativo e crítico feminista, como a ficção científica feminista em geral e as utopias críticas em particular demonstram” (p.36). Essas utopias feministas passaram então a imaginar alternativas ao controle que assolava as distopias. O controle envolve naturalmente a mente e o corpo e, portanto, afeta homens e mulheres de forma diferente. Uma das características femininas mais manipuladas pelo patriarcado, através dos tempos, foi o fato de que, para que a reprodução da espécie humana ocorra, a geração do novo ser deva ocorrer exclusivamente no corpo da mulher. Esse dado biológico, que até hoje, apesar das mais avançadas biotecnologias, ainda não foi passível de alteração, adquiriu matizes culturais que justificaram a relegação das mulheres à posição de meras reprodutoras da espécie humana, “cálices sagrados” onde seriam gerados os homens, esses sim considerados os verdadeiros motores da sociedade. Não é à toa, portanto, que os aspectos da reprodução humana, espelhada na maternidade, e do cuidado com a prole, que corresponde à maternação, foram tão extensivamente discutidos em obras como *When it changed* (1972) e *The female man* (1975), de Joanna Russ, *Motherlines* (1978), de Suzy Mc Kee Charnas, e *Woman on the edge of time* (1976), de Marge Piercy. Nas três primeiras, a manipulação do corpo da mulher pelo poder patriarcal, visando a perpetuação da espécie, é abolida pela introdução da técnica da partenogênese ou de alguma outra forma de reprodução assexuada, absolutamente necessária nessas sociedades utópicas das quais os homens foram excluídos. Portanto, embora a situação em si seja semelhante à encontrada em *Herland*, enquanto que na obra de Gilman a partenogênese ocorre de forma espontânea, nas posteriores suas autoras já procuram alavancar seus vãos imaginativos em avanços científico-tecnológicos que povoam sua contemporaneidade.

Assim, os movimentos feministas dos anos 60 e 70 contribuíram em muito para que o separatismo de *Herland* fosse precursor do encontrado em várias outras utopias feministas, que, no entanto, além de se valerem da tecnociência, tratam de forma muito diferente a questão da sexualidade em si. Não havendo relação com o outro sexo, não há necessidade da autodeterminação feminina nas relações desiguais com os homens, tema tão caro aos direitos reprodutivos, surgidos nos anos 80. Veremos, a seguir, como essas questões cruciais, são tratadas em *When it Changed*.

## ***When it Changed***

Este conto de Joanna Russ, de 1972, veio a provocar um choque no modo como as relações entre os gêneros eram retratadas na ficção científica (Larbalestier, 2002). Até então, a grande maioria das narrativas, quase todas de autoria masculina, descreviam sociedades dominadas por amazonas e terminavam a inversão de tal domínio ao relatar a “rendição” da heroína, previamente incluída numa sociedade homossexual ou assexuada, à “virilidade” do herói. Tal desfecho pode ser exemplificado



neste trecho, retirado de *Who Needs Men*, de Edmund Cooper, publicada no mesmo ano de *When it Changed*:

Ele a beijou nos lábios. Ela tentou se livrar, mas com um braço ele conseguiu segurá-la. O rifle foi largado. Havia algo terrível naquele beijo. Era como nenhum outro beijo que ela conheceria. Era humilhante, era degradante, era perturbador. Drenava a força de seus membros, povoava sua cabeça de pesadelos. Ele a soltou. “Bem, exterminadora. Isso foi um tipo de estupro, não foi?” (Cooper, Apud Larbalestier, 2002: 234).

Em *When it Changed*, uma nave cheia de homens aterrissa num planeta habitado somente por mulheres, denominado de *Whileaway*, mas a reação das mulheres é exatamente contrária à retratada acima. Terry Carr assim resume o enredo do conto, ao ser convidado para editar uma seção da conhecida revista de ficção científica, *Amazing*, dedicada ao avanço das mulheres no campo desse gênero literário:

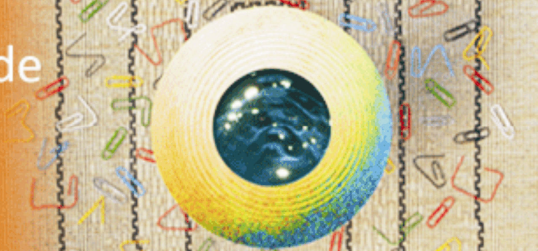
A narrativa abre com uma colônia terráquea perdida num planeta distante, onde todos os homens morreram há muito tempo, e as mulheres aprenderam a se reproduzir partenogeneticamente. Elas estabeleceram uma sociedade funcional e feliz, e quase esqueceram, através dos séculos, que os homens jamais existiram. Então uma nave espacial da Terra acaba aterrissando na colônia perdida, e os homens da tripulação ficam admirados como as mulherezinhas têm sido corajosas e cheias de recursos, lhes dizendo com condescendência que seu longo exílio chegou ao fim. Os Homens Estão Aqui. As mulheres apenas os olham sem saber o que fazer, se perguntando sobre que diabos eles estão falando. (Carr, Apud Larbalestier, 2002: 88).

Apesar de tocar em pontos importantes do conto de Russ, o resumo acima deixa de lado uma questão de vital importância para *When it Changed*, e faz com que divirja completamente de Herland, sob o ângulo do tratamento da questão da sexualidade feminina.

Enquanto na obra de Gilman não há qualquer menção à mesma, nos levando a crer que as “Mulheres Perfeitas” de Herland são inteiramente assexuadas, o que, já comentamos, condiz com o feminismo do início do século XX, o da Primeira Onda. Já Russ, meio século depois, encontra outro mundo, com outras questões. Essas não tratam mais de assegurar o voto à mulher, ou mesmo apenas de providenciar melhores condições de trabalho para as mulheres brancas de classe média, mas precisam ampliar seus escopos, integrando preocupações de lésbicas, mulheres negras e/ou pobres e mulheres trabalhadoras.

Russ, uma das mais conhecidas autoras de ficção científica, teve várias obras premiadas, entre as quais *When it Changed*, que ganhou o Nebula, uma das premiações mais conhecidas e antigas para a categoria literária de FC. Ativista lésbica, esta autora não esconde seu feminismo radical, chegando ao ponto de afirmar que os homens estragam as coisas boas do mundo (Russ, 1995). Em *When it Changed*, as mulheres, ao contrário de em Herland, se casam e formam famílias entre si. No início do conto, ironicamente, não temos dúvida do gênero do narrador, que começa o conto afirmando que sua mulher, Katy, “dirige como uma maníaca” (Russ, 1983: 2191), mas “não tocaria em uma arma”, dizendo logo em seguida, que “Katy e eu temos, entre nós, três filhos, um dele e dois meus” (Ibid, Ibidem) Um/a leitor/a contemporâneo/a, desavisado/a a respeito do caráter transgressor da obra em questão, pensará que se trata de um casal heterossexual, o marido tendo tido dois filhos anteriores ao casamento e a mulher, um. Tal conclusão, porém, é questionada quando





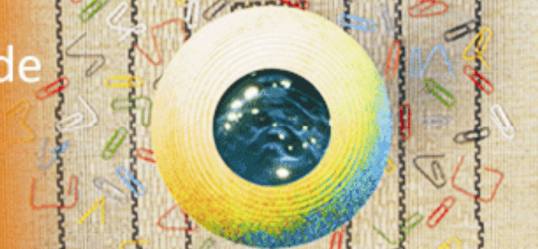
o narrador afirma, a respeito de sua filha mais velha, que esta tem sua “altura, mas os olhos de Katy, o rosto de Katy” (Ibid, ibidem), o que sugere mesclas de características físicas do casal, ao invés do que seria esperado de filhos de diferentes pais e mães. Ficamos sabendo que se trata de um casal homossexual quando a filha, Yuriko, grita “Homens!”... “Eles voltaram! Homens de verdade, da Terra!” (Ibid, p. 2192). Torna-se claro, então, que o narrador é uma mulher, cujo nome a seguir aprendemos ser Janet. e que o planeta em que vive, Whileaway, é habitado exclusivamente por mulheres. Vale a pena citar aqui a reação de Janet ao primeiro encontro com os terráqueos:

Eles são maiores que nós, Maiores e mais fortes. Dois eram mais altos do que eu, e eu sou extremamente alta, um metro e oitenta centímetros descalça. Eles são obviamente de nossa espécie, mas diferentes, indescritivelmente diferentes, e meus olhos não podiam e ainda não podem compreender as linhas desses corpos alienígenas... Eu só posso dizer que eles eram macacos com rostos humanos... Eles são tão pesados quanto cavalos de carga. Vozes pastosas, grossas (Ibid, ibidem).

Como se pode ver, a reação de Janet à primeira vista de um homem é a de estranhamento, como ocorre nos romances “flasher” (como a própria Russ (1995) define as obras como *Who Needs Men*, acima citada). No entanto, ao contrário do que acontece nesse tipo de FC de autoria masculina, não há nenhuma “rendição” das habitantes de Whileaway ao charme dos terráqueos. Muito pelo contrário, quando Janet pergunta à filha adolescente, Yuriko, se ela poderia se apaixonar por um homem, a moça ri diante da idéia de se apaixonar “por um sapo de dez pés de altura” (Russ, 1983m p. 2196). Isso pode ser facilmente visto como uma irônica inversão da história da princesa e do sapo... Yuriko não espera que eles virem príncipes.

A profunda integração entre as mulheres é sentida em especial na descrição do carinho entre Kate e Janet. Depois do encontro com os homens da Terra, Janet se lembra de Kate, temendo pela perda de seu mundo já que os homens estavam mesmo vindo para ficar, soluçando “como seu coração fosse partir”, e de fazer amor com ela, de uma maneira, como sempre, “maravilhosamente confortante e calmante” (Ibid, ibidem). A própria forma de reprodução em Whileaway é um espelho desta integração. Ao contrário do que poderíamos pensar, e o que seria mais lógico, já que os clones figurinhas fáceis tanto na realidade como na FC contemporânea, podem ser de certo modo assim considerados, não se trata de uma partenogênese induzida quimicamente. O processo empregado em Whileaway é explicado por Lydia, a bióloga local que vai ao primeiro encontro com os terráqueos, como sendo diferente da “partenogênese, que é tão fácil que qualquer um pode fazer” (Ibid, 2194). O que elas fazem é “fundir os óvulos” (Ibid, ibidem) o que, segundo Janet, explica o fato do bebê de Kate se parecer com ela. Tal revelação também ilumina a nós, leitores, em relação ao amálgama de características do casal em crianças oriundas de diferentes progenitores, que não entendêramos direito no início do conto, ao interpretar a situação como sendo relacionada a um casal heterossexual, com filhos oriundos de diferentes casamentos.

Poderíamos aqui ficar discutindo como o processo de fusão de óvulos praticado em Whileaway, diverso da partenogênese - e aqui mais uma vez a ironia de Russ se revela, num conto escrito nos anos 70, em que a própria clonagem de mamíferos ainda era uma meta a ser alcançada, ao dizer que qualquer um poderia praticá-la! - pode ser visto cientificamente. Não se trata de



reprodução sexuada na acepção da palavra, já que só um sexo está envolvido...mas há muitas ponderações, que aqui não cabem, nem sendo mesmo nosso propósito aborda-las. Desejamos apenas chamar a atenção que, para um povo com recursos extraordinários como as mulheres de *Whileaway*, é muito difícil entender que, quando os terráqueos insistem, perguntando inúmeras vezes “Onde está todo o seu povo?” (ibid, 2192=2193) eles querem dizer onde estão os homens. Ao aprender que esses morreram há séculos, fulminados por uma praga, os recém-chegados concluem, com condescendência “uma grande tragédia. Mas isso acabou” (ibid, p. 2193).

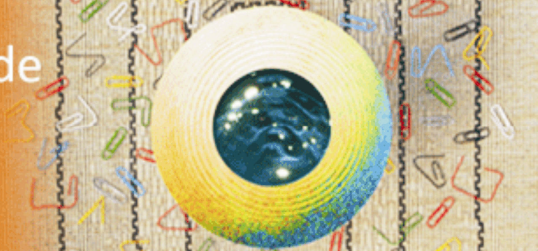
Só que para as mulheres de *Whileaway*, a grande tragédia é justamente a chegada dos terráqueos. Elas não acreditam nem um pouco que “ a igualdade sexual foi re-estabelecida na Terra (ibid, 2194)”, e quando os homens afirmam que o mundo de *Whileaway* não é natural, Kate afirma que a “humanidade não é natural” (Ibid, Ibidem). A batida dualidade natureza VS cultura é então retomada pelo terráqueo para sua vantagem, quando afirma que, apesar de ter partes de metais no seu corpo, de existirem homens e até vacas homossexuais, “alguma coisa está faltando em *Whileaway*” (Ibid, 2195). Quando o terráqueo afirma que eles precisam dos bons genes de *Whileaway* (Janet havia afirmado orgulhosamente que elas eram oriundas de uma linhagem genética excepcional), por conta de drogas e radiação que causaram um excessivo dano aos genes na Terra, Janet afirma que “eles podem ter células em número suficiente para se afogarem nas mesmas” (ibid, ibidem) No entanto, torna-se claro que a necessidade não é somente do material genético, mas trata-se também de restaurar a “economia heterossexual” (Lerbalestier, 2002: 90) no planeta, o que fica explícito quando o interlocutor de Janet diz:

Esta não é a maneira como queremos fazer. Você sabe tão bem quanto eu que a cultura partenogenética tem todos os tipos de defeitos inerentes (aqui ignorando explicitamente, e desrespeitosamente, a informação fornecida pela bióloga, acima comentada), e nós não queremos – se pudermos evitar - usá-las para nada deste tipo. Perdoem-me; eu não deveria ter dito “usar”. Mas certamente vocês podem ver que este tipo de sociedade não é natural (Russ, 1983: 2195)

Como Lerbalestier aponta, o que eles querem justamente é usar as mulheres de *Whileaway* “tendo acesso aos genes de uma forma ‘natural’ – através do sexo heterossexual “ (2002: 90). É a crítica a esta obrigatoriedade, bastante clara no conto de Russ, que não vemos no trabalho de Gilman. As duas autoras, então, apesar de ambas usarem formas de reprodução alternativa como estratégias de driblar o domínio da opressão patriarcal encaram de forma totalmente diversa a questão da sexualidade em si.

## **Considerações finais**

Tanto em *When it Changed* como em *Herland* há uma ruptura com muitos dos estereótipos de gênero. No entanto, é bom lembrar que a ruptura não é total. Em *When it Changed* há um questionamento irônico sobre a mulher que não carrega armas e o comentário do tamanho grande das mulheres como se estas não pudessem ser grandes. Do mesmo modo, *Herland* guarda muitas semelhanças com as nossas sociedades ocidentais ou tribais em que a maternidade é venerada e



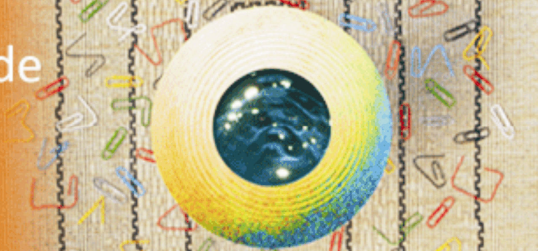
alguns atributos ditos mais femininos (tais como a senso de coletividade e cooperação) são apreciados. O diferencial das mulheres de Herland é que estas sabiam menos de geografia do que os homens visitantes, o que pode ser explicado pelo isolamento geográfico por dois mil anos daquele território.

Nas ficções *When it Changed* e *Herland* a reflexão dos personagens se dá pelo reencontro de homens com mulheres, depois de tempos de isolamento. Enquanto na primeira ficção o narrador principal é uma mulher, na segunda é um homem. Isto não quer dizer que nestas ficções a perspectiva feminina e a masculina estejam ausentes. Elas se entrelaçam de modo a contrapor os dois pontos de vista.

A comparação entre diferentes culturas acentuando a desigualdade da Terra, ou das sociedades patriarcais, está presente nas duas narrativas. O conhecimento sobre outra cultura é vivenciado e explicitado intensamente pelo narrador de *Herland* nos seus comentários e diálogos com as mulheres de lá. O mais interessante é que o narrador acaba tendo que repensar a sua própria sociedade e admitir para si mesmo os grandes problemas e incoerências da divisão do trabalho produtivo e reprodutivo entre os sexos de sua sociedade. O tema da desigualdade da sociedade patriarcal é, por tanto, uma questão central. De fato, o narrador de *Herland* é tão transformado pela aprendizagem da diferença que diz: “Na medida em que eu aprendi mais e mais a apreciar o que estas mulheres conquistaram, o menos orgulhoso eu estava com o que a nossa masculinidade fez” (p.60).

A questão da desigualdade em *When it Changed* é de igual importância. Por exemplo, a narradora afirma comparando as duas sociedades: “Eu duvido muito que a igualdade sexual tenha sido conquistada na Terra”. (p.2196). É possível que em *Herland*, o narrador e os seus companheiros em diferentes escalas tenham se transformado mais do que os personagens de *When it Changed*, porque a extensão da convivência com o mundo só de mulheres na primeira ficção é muito maior, de mais de um ano. No entanto, embora em *When it Changed* só tenhamos acesso a um pequeno momento de encontro das duas culturas, fica claro que, nesta obra a voz autoral se posiciona muito mais enfaticamente contra a possibilidade concreta da igualdade sexual que em *Herland*. Essa diferença é por demais complexa para ser aqui discutida; entretanto, não podemos nos furtar a comentar sobre alguns fatores que para ela corroboram, como o próprio tempo que separa as obras, assim como a diferença de posição de suas autoras em relação à questão do feminismo. Enquanto Russ se assume como feminista radical, criticando o heterossexualismo compulsório da sociedade patriarcal, (Russ, 1995), Gilman, segundo Hausman, “não foi capaz de ver a heterossexualidade institucional como uma força que mantinha as mulheres dependentes dos homens” (Hausman, p. 503).

Tanto em *Herland* como em *When it Changed* a biologia parece infalível e profundamente homogênea. Em *Herland* todas as mulheres têm sempre cinco filhos e a partir dos 25 anos. Em *When it Changed* a narradora se vangloria de serem de uma ótima linhagem genética. *Herland* e *When it Changed* geram profundas reflexões ao enveredar pelo questionamento de normas e injustiças sociais das sociedades patriarcais e mostrar que a organização da reprodução poderia ser diferente.



Embora essas narrativas possam ser vistas como fantasiosas e radicais, elas nos levam, inegavelmente, a refletir sobre a nossa realidade e a desigualdade sexual que ainda teima em persistir em pleno século XXI. Esperamos, então, ao final deste trabalho, ter conseguido cumprir, pelo menos parcialmente, nosso objetivo, não só de ressaltar o papel questionador da ficção científica em relação aos impactos da ciência e da tecnologia no mundo contemporâneo, como o de nos fazer perguntar como plus ça change, plus c'est la même chose ...

## **Bibliografia**

DE LA ROCQUE, Lucia. A ciência contra e a favor do patriarcado em *Woman on the Edge of Time*. In: Brandão, Izabel e Muzart, Zahidé L. (orgs) *Refazendo Nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Editora Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, pp361-1-381.

\_\_\_\_\_. Gênero e reprodução nas utopias feministas de Charlotte Perkins Gilman e Marge Piercy. In: Stelamaris Coser. (Org.). *O papel de parede amarelo e outros contos de Charlotte Perkins Gilman: tradução e crítica*. Vitória: EDUFES, 2006, p. 174-199.

FRASER, Nancy. Mapping the feminist imagination: from redistribution to recognition to representation. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2007, vol.15, n.2 pp. 291-308. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2007000200002&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200002&Ing=en&nrm=iso)

GILMAN, Charlotte Perkins. *Herland, A Terra das Mulheres*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981.

HARRIS, Leila, e DE LA ROCQUE, Lucia. "O Papel de Parede Amarelo", de Charlotte Perkins Gilman: Resgatando a Sanidade Através da Criatividade. *Saúde, Sexo e Educação*, no. 28, 2002, p. 14-18.

HAUSMAN, Bernice L. Sex before gender: Charlotte Perkins Gilman and the evolutionary paradigm of utopia. *Feminist Studies*, Vol 24, No 3 (Autumn 1998). Pp 489 – 510.

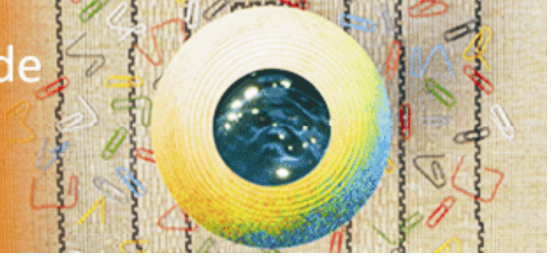
LARBALESTIER, Justine. *The Battle of the Sexes in Science Fiction*. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2002.

MOYLAN, Tom. *Scraps of the untainted sky: science fiction, utopia, dystopia*. Boulder, Colorado: Westview, 2000.

RUSS, Joanna. [1972] 1983 "When it changed". In *The Zanzibar Cat* 2190-2194; Sauk City, Wis: Arkham House; \_\_\_\_\_; 1995. *To Write like a woman: Essay in Feminism and Science Fiction*.

# VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero

De 05 a 09 de abril de 2010



Bloomington: Indiana University Press.

SANTOS, Donizeth Aparecido. A mulher, a terra e a vida: uma abordagem do culto às grandes mães. Guairacá Guarapuava, PR, Nº 22 pp. 55-74, 2006.

SCAVONE, Lucila. Dar e cuidar da vida: Feminismo e Ciências Sociais. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2003.

TORRANO, Jaa A Origem dos Deuses, estudo e tradução, 3a. ed., São Paulo : Iluminuras, 1995

[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/index.asp?id\\_projeto=27&ID\\_OBJETO=61823&tipo=ob&cp=104331&cb=&n1=&n2=M%F3dulos%20Did%E1ticos&n3=Ensino%20M%E9dio&n4=Biologia&b=s](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&ID_OBJETO=61823&tipo=ob&cp=104331&cb=&n1=&n2=M%F3dulos%20Did%E1ticos&n3=Ensino%20M%E9dio&n4=Biologia&b=s)

<http://www.ufv.br/petbio/informativos/setembro2006/artigo03.htm>

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/RichaOwe.html>

OBS: As traduções são de responsabilidade exclusiva das autoras.